

N.º 18746

Nome e apelido *António Lopes Almeida*

Estado *Casado* Profissão *Vidreiro*

Naturalidade *Lisboa* Data do nascimento *22-2-1923*

Filiação *Manuel Lopes Almeida e Maria da Conceição*

Residência *R. Ferreira Borges, Marinha Grande*


Outras indicações

Número do processo de valores ou documentos apreendidos *Fakeceu*

N.º 10.763 *R.º n.º 03/49*

BIOGRAFIA PRISIONAL

Foi preso pela Polícia em 16-1-1949, na Marinha Grande, para averiguações, tendo dado entrada nesta Secretaria em 17-1-49 e recolhido à Cadeia de Aljube (c.º 18/49). Fakeceu em 21/1/49 (c.º 22/49).



Altura *1,630*

Côr *Bronca*

Sinais particulares *sem dentes pequenos escarlates na face direita*

Nacionalidade *Portuguesa*

António Lopes Almeida, 17-1-1949, 10763

António Lopes Almeida (Lisboa, 22-02-1923 – Lisboa, 21-01-1949)

António Lopes Almeida nasceu em Lisboa e trabalhava como operário vidreiro na Marinha Grande, onde residia. Militante do Partido Comunista Português e ativo dirigente local e regional, era também compositor e músico amador no grupo “Os Pinantes”.

Após denúncia, foi preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) na Marinha Grande a 16 de janeiro de 1949 para averiguações. Do posto local da Guarda Nacional Republicana (GNR) seguiu, no dia seguinte, para a sede da polícia política, em Lisboa, na rua António Maria Cardoso, onde foi torturado durante dois dias. Relatos de outros presos, que ali se cruzaram com António Lopes Almeida, recordam um homem com a cara “num bolo” de sangue e equimoses, que terá dito: “estou há 40 horas a levar pancada”. A 18 de janeiro foi transferido para a Prisão do Aljube, onde viria a morrer três dias depois com 36 anos.

Segundo a versão oficial do regime ter-se-á suicidado, ao ter sido encontrado morto, por enforcamento. Porém, é plausível que não tenha sobrevivido às torturas sofridas na sede da PIDE e no Aljube. Já na morgue, num bolso do pijama que envergava terá sido encontrado um minúsculo bilhete, escrito a sangue, onde se lia: “sou António Lopes de Almeida, da Marinha Grande, avisem a minha mulher”.

Enterrado no cemitério de Benfica, à revelia da família por ação da polícia política e do Governo Civil, o seu corpo apenas regressou à Marinha Grande passados trinta anos da sua morte, em 1979.